

Uma breve narrativa introdutória: tessituras de sororidade Norte-Sul



Iniciamos essa edição com uma narrativa que acreditamos ilustrar bem o espírito desse dossiê “A Luta pelos Direitos Socioambientais, Brasil e Canadá em Solidariedade”.

Essa é uma breve história de uma peça de arte produzida por Shannon Chief, mulher indígena Anishnabe-Algonquin (Canadá). Essa peça foi tecida pelos fios de sororidade que ligam as mulheres indígenas do Norte ao Sul global.

Em 2018, Shannon Chief conheceu Maria Leonice Tupari, coordenadora da Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia-AGIR, em um encontro internacional de mulheres indígenas, em Montreal. Diante dos recentes ataques e graves retrocessos socioambientais que ameaçam povos e comunidades no Brasil, Shannon Chief, em conjunto com outra mulher indígena, Tayka Raimon, e uma rede de

peças e organizações do Quebec (Canadá) organizaram e promoveram um concerto beneficente em prol da AGIR.

O evento ocorreu em Montreal no dia 21 de setembro de 2019 e reuniu artistas indígenas, do Quebec, do Brasil, do Haiti, de países africanos... em prol da defesa da Amazônia. No evento foi realizado também um leilão de peças de arte doadas por artistas indígenas. Dentre essas, a que foi feita por Shannon Chief exclusivamente para o leilão.

Shannon Chief em conjunto com Tayka Raymon e tantas outras pessoas acendem em nós a esperança de construção de pontes e fortalecimento de laços de sororidade e solidariedade trançados na luta, na resistência e em ações concretas entre o Norte e o Sul globais. Em suas palavras, Shannon Chief se apresenta como “nascida e criada pelo Wolf Clan (Clã do Lobo) da Nação (Indígena) Anishnabe-Algonquin”. Shannon tem contribuído em diferentes níveis com a decolonização e reconstituição da soberania do seu povo. Ela defende e protege as águas, as terras e a língua como prioridades dos Anishnabeg, assim como ela atua em lutas relacionadas à mudança climática a partir de sua Nação Indígena.

Ao pedirmos sua autorização a fim de ceder a imagem de seu trabalho artístico para publicarmos nessa edição (ver foto acima), explicamos o propósito desse dossiê. Shannon, então, não só generosamente nos presenteou com a imagem, bem como compartilhou conosco reflexões sobre justiça ambiental e o significado de seu trabalho:

“I think most of us understand that climate change today is due to the use of certain forms of energy dependency, extraction to keep reproducing a materialized world, and wars of the minds between those that keep producing and those that want change. Environmental justice can never be just in Canada or in the United States or in other countries but has to be a global achievement. There needs to be a big shift in how we use or harness energy, a change in how materials are produced through extraction, which today is harming the climate, the ocean's creatures and is inhib-

iting the power of people to speak up. The way that materialism is being highly valued demonstrates how instead it is our planet that needs to be the priority. The day environmental justice takes place is the day when our values change such that we learn to recognize and treat the Earth as our own Mother. Mother Earth provides for all life but not for greed. Mother Earth can live without us, but we cannot live without her. This is what environmental justice looks like to me, when humanity is ready to shift and move towards a livable climate because we are willing to change our way of life. No deforestation, no underground extraction and no Indigenous oppression is the best way to start living it.”

Em português: “Eu acho que a maioria de nós entende que as mudanças climáticas de hoje se devem ao uso de certas formas de dependência de energia, à extração para continuar produzindo um mundo materializado e às guerras de mentes entre aqueles que continuam assim produzindo e aqueles que querem mudanças. A justiça ambiental nunca pode ser apenas no Canadá, nos Estados Unidos ou em outros países, mas deve ser uma conquista global. É preciso haver uma grande mudança na maneira como usamos ou aproveitamos a energia, mudanças na maneira como os materiais são produzidos por extração que hoje está prejudicando o clima, as criaturas do oceano e seu povo para se manifestar. A maneira como o materialismo está sendo altamente valorizado demonstra como, em senso contrário, é nosso planeta que precisa ser a prioridade. A justiça ambiental é concretizada quando nossos valores mudam, então aprendemos a reconhecer e a tratar a Terra como nossa própria Mãe. A Mãe Terra provê toda a vida, mas não toda a ganância. A Mãe Terra pode viver sem nós, mas não podemos viver sem ela. É assim que a justiça ambiental me parece, quando nossa humanidade está pronta para mudar e avançar em direção a um clima habitável porque nós estamos dispostos a mudar nosso modo de vida. Sem desmatamento, sem extração subterrânea e sem opressão indígena é a melhor maneira de começar a vivê-la.”

Nesse mesmo ano de 2019, em Brasília, a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, com o tema “Território: nosso corpo, nosso espírito,” se uniu

a 6ª Marcha das Margaridas. Mulheres de todo o país, indígenas e camponesas, caminharam *juntas* em atos históricos de reivindicação, insurgência e resistência. Telma Taurepang, coordenadora da UMIAB – União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira, descreve a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas como:

*“O foco, objetivo da marcha é dar visibilidade as ações das mulheres indígenas do Brasil, discutindo questões inerentes as suas realidades, reconhecendo esse protagonismo. E que a gente possa também dar as novas lideranças, a capacidade, a defesa e a garantia dos seus direitos humanos. **A nossa resistência ela sobrevive porque estamos vivas, nós somos a resistência.**”¹ (grifos nossos)*

À todas às mulheres indígenas, quilombolas, de povos e comunidades tradicionais e camponesas, do Sul e do Norte global, que lutam em solidariedade, nosso apoio e nossa gratidão.

Comitê Editorial da Revista InSURgência

1 A fala foi originalmente publicada em: CART, Sofia. Colaboração de MAGNO, Nívea. Mulheres em luta: as principais pautas da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. *Mídia Ninja*, 2019. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2019/08/mulheres-em-luta-as-principais-pautas-da-1a-marcha-das-mulheres-indigenas/>>. Acesso em 28 nov. 2019.